



Foram da rua. Lixo da rua! Agora, d'alma cheia, exprimem a alegria que sentem nesta Obra deles, para eles, por eles.

EDITORIAL

O pulsar da nossa vida

OS Estatutos da Obra da Rua, bem como os do grupo sacerdotal que constitui o mais responsável fundamento humano do seu ser e agir, marcam um ritmo quinquenal para o *render da guarda*.

O desafio de África e a nossa resposta — penso que coerente com a paixão assumida de servir os Pobres mais caídos, mais abandonados, reforçada pelo «clamor da coisa pelo seu dono» que soou com a oportunidade da devolução das estruturas que desde 1963 até à confiscação nos permitiram servir aqueles povos e nos proporcionam servi-los de novo a partir desta hora incomparavelmente mais dramática — fez com que o mandato de Padre Manuel António se não cumprisse até ao fim. Se Deus quiser, ele estará em Benguela no fim de Maio para recomear em Junho, vinte e nove anos depois do primeiro princípio, tal como Padre Telmo em Malanje desde Janeiro e Padre José Maria em Maputo desde o último Setembro.

Penso que a resposta ao desafio de África é coerente, sim, com a Fé e a paixão que nos anima. Sem a prudência deste mundo não tem nada a ver. Mas se Pai Américo não tivesse proclamado de uma vez para sempre a sua independência dela, a Obra gerada por Deus no seu coração de Padre que «não aceita dúvidas», jamais teria nascido, ou teria sido um nado-morto. Nunca a prudência humana foi o seu critério. Deus é Quem chama: «Eu sou um impelido...» E se «sem Ele nada é possível, com Ele nada é impossível». Por isso, «um obreiro do Senhor vê a Obra feita antes de começada».

São assim os olhos da nossa razão, posto saibamos os sacrifícios e o redobrar de trabalhos que a aventura de Deus exigirá. Bendito seja Ele, pelo constante confirmar desta razão ao longo dos cinquenta e dois anos da Obra e também pela compreensão da grandeza desta hora, que tantos da grande *Família de fora* da Obra da Rua nos têm expresso em mensagens reconfortantes que todos os dias nos chegam. Esta rectaguarda orante, comungante nas nossas aflições é, sem dúvida, uma das nossas maiores forças, um *capital* que os homens não sabem contabilizar, mas Deus sim.

«A minha Obra começa quando eu morrer» — ditou a Pai Américo a Sabedoria e ele escreveu. Ela estará em incessante recesso na medida do nosso morrer.

Seja esta a certeza dos nossos padres que permanecem nos seus postos, tão generosos, tão sobre-carregados, tão fatigados. Quem sabe se a «profecia» de Padre Telmo de não há-de cumprir e «a velha Europa ainda vai ser re-evangelizada por africanos»? Quem sabe se a nossa cruenta partilha, agora, não vai ser, pela Misericórdia de Deus, nova vara de Moisés a percutir a rocha e a arrancar-lhe o manancial de água viva, regeneradora, de algumas autênticas dedicações?

Continua na página 3

ECOS D'ÁFRICA

Participação de pequenas empresas e comunidades paroquiais

UM dos aspectos mais interessantes do relançamento da actividade da Obra da Rua em África é a participação das pequenas empresas e produtos do seu fabrico. Desde o material escolar mais simples até aos panos para vestir e ao calçado, vai chegando o necessário para os primeiros tempos, em que havemos de ganhar fôlego para esgravatar lá e desenterrar valores que, agora, andam perdidos.

Quatro dias antes da Páscoa, duas comunidades paroquiais, com o seu Padre à frente, vieram trazer perto de mil contos e, em camião recheado, o fruto do seu carinho por este projecto da Obra da Rua: pano de lençol, mais dele para camisas e calções, caixotes fechados para entrar em

contentor, um mundo de objectos que vão dar trabalho e ensinar a ganhar o pão com o suor do rosto. Não fosse este elemento importante do que nos dão, faltar-lhe-ia o verdadeiro sabor. Por isso é bem vinda esta ajuda. Ao Padre Lopes Ferreira que, desde a primeira hora, tem vivido com tanto entusiasmo esta aventura, pedimos aceite o nosso muito obrigado e comunique ao seu povo e aos alunos da Escola Secundária de Santo Tirso, a alegria que nos deram.

Grão de mostarda

Depois de alguns dias num quarto do hospital, vi a notícia do reconhecimento oficial da *Tradição Cristã* entre o povo de Angola. Alegrei-me pelo que este

gesto significa de abertura a valores que não-de ser a garantia da construção duma sociedade humanamente equilibrada que, agora, está em marcha. E a Obra da Rua, como grão de mostarda, é chamada e aceita participar na criação deste tesouro! Ai de nós se não alargamos os nossos horizontes!

Bem seguros dentro destas linhas de força, caminham todos aqueles que, de mãos dadas, nos acompanham: «Lanço daqui um apelo a todos os meus irmãos que estejam em condições de o fazer que ajudem a reconstruir as nossas Casas em África. Que num futuro próximo a lagoa de Malanje e as banheiras de Benguela alegrem a gente e produzam para saciar os famintos.»

Continua na página 4

Setúbal

A Páscoa veio para nós em cheio. Entrou pelos poros não só da sensibilidade religiosa mas inundou também, totalmente, o nosso coração humano.

Não poderia ter sido de outra maneira. É assim necessariamente com toda a humanidade quando a Paixão é dura e prolongada. Esta é a nossa experiência e do mesmo modo a nossa Fé: — Se o Senhor provar com uma penhor doença ou morte sabemos que o esplendor da Glória n'Ele brilhará com exuberância.

Quem assume a cruz dos Outros e sofre com ela todas as quedas e desaires, encontra obrigatoriamente a Face radiosa do Ressuscitado.

É assim na vida interior de cada homem. Quando se luta a sério para vencer uma tendência má, um pecado, ou apego ao mesmo, chega-se sempre à virtude e à paz.

A vida numa Casa do Gaiato é a confirmação

contínua desta verdade revelada: — O que fizeres aos meus irmãos é a Mim... Então Ele aparece-nos no rosto de cada homem, nos seus gestos, no partir do pão, embora muitos O não reconheçam. Há até quem se escandalize e nos pergunte como é que Ele vem até nós e não chega a outros lados. Tenho cartas testemunhas destes escândalos.

Às vezes Ele não vai, por não encontra corações abertos para se manifestar. Outras, ainda, Ele aparece e as pessoas não O reconhecem por terem o coração embotado.

Era sábado de manhã. Vou dar com doze rapazes atarefados na confecção dos folares, em alegria indescritível, na casa do forno.

O «Alentejano» tinha passado, já depois da meia-noite de Sexta-Feira Santa, todo o recheado conteúdo com que se iriam fabricar os deliciosos folares.

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

CASOS DIFICEIS — Mais numas do que noutras regiões, somos um País de elevada percentagem de alcoólicos.

Dantes, era a tasca. Agora, também noutros locais a fraqueza abate muita gente — destrói famílias.

Aquela mulher já não tinha quê para si, prá filha! O homem gasta o salário, por lá. Um caso difícil! Não vamos adiantar muito mais, até porque as lágrimas já secaram nos olhos da companheira, servindo de intérprete a vizinha, enquanto ela esconde a cara — prostrada! — Mãe e filha não podem passar fome! Temos que ajudar... p'ra ter forças p'ra trabalhar. E prá defendermos do pior...!

Decorre a Semana Santa. O mundo cristão celebra a Paixão, Morte e Ressurreição do Mestre. Na via-sacra dos Pobres topamos, de seguida, mais um duro calvário. Outra família em queda — por doença prolongada do pai. As rugas, na face da mãe, são espelho de cruz dolorosa. Lançam um SOS para se liquidar uma coima, por faltas do empregador. «Só depois de pagarmos a multa (15 contos) poderemos voltar a receber os abonos de família». Há que respeitar os regulamentos. Obviamente, porém, as crianças são vítimas inocentes!

PARTILHA — Um cheque, da assinante 26306, do Porto, e um bem-haja «pelas oportunidades que me dão de praticar algum bem ao Próximo». É o fundamento d'O GAIATO!

Mil, de algures. Cinco, da Rua Duque da Terceira — Porto. Outros mil, da assinante 26302, também do Porto. Habitual remessa de Vancouver — Canadá. Maria do Rosário: «Mil escudos meus e outros mil de pessoa amiga para um canceroso. Desculpai a insignificância».

Três mil, da assinante 1121, de V. N. Gaia, «para o que for mais necessário». Quatro, do assinante 42971, de Ovar: «Para os Pobres mais envergonhados e mais necessitados da Conferência do Santíssimo Nome de Jesus — por uma intenção minha».

Cheque, da assinante 49562, de Damaia, «para ajudar a tapar um buraco que, na montanha das necessidades que nos cercam e a que procuramos dar remédio, entenderdes mais necessária. Rogo anonimato e não vos incomodeis a agradecer». O factor delicadeza subjaz em todos os óbulos!

«Avó de Sintra» alivia o seu calvário partilhando, sempre, com os Pobres. O costume, de Santa Cruz do Douro. Assinante 9708, em pagela pascal, traz mensagem oportuna e um cheque «por alma de meus pais». Vale a pena revelar a citação de Braddon: «Uma vida vivida para o bem dos Outros é sempre uma vida feliz».

Assinante 10978, de Albufeira, supre carências numa família aqui referida: «Como a Páscoa se aproxima, quero estar presente». Faz seus os problemas dos Pobres. É assim o Manda-

mento Novo! Vale postal da assinante 26471, de Algueirão, «para uma senhora idosa e doente».

Outro cheque, da assinante 31254 «que gostaria fosse para ajudar um casal idoso». Casal-assinante 19148, do Porto, com «pequena importância que será distribuída como entenderdes. São tantos os 'buracos' e as necessidades... Queremos, assim (em casal), comemorar em partilha a Ressurreição do Senhor. Pedimos, em segredo, por vós ao Pai. Santa Páscoa!» Dois valentes que vivem a sua Fé — e partilham — no meio onde estão inseridos. Um abraço cristão para ambos.

Fecha a procissão a mais velha (e sempre nova) presença desta coluna — «Uma Assinante de Paço de Arcos»: «Partilha de Fevereiro e Março», acrescida de mais uma intenção, com «saudações fraternas e muita estima». Deus lhe pague!

Retribuimos votos de Santa Páscoa e, em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

TOJAL

PÁSCOA — Celebrámos a Morte e Ressurreição do Senhor. Nos «Batatinhas» via-se a alegria de receberem as amêndoas e os ovos. Os mais velhos também não ficaram para trás. Uma festa que vivemos com grande alegria.

QUINTA — Nesta época até dá vontade de passear pelas ruas da nossa quinta! São as árvores, as laranjeiras, as flores, as sebes — tudo começa a florir, deixando no ar um cheiro muito agradável. Quem não acreditar venha até nós para ver e cheirar. Assim, fica a conhecer a nossa quinta.

OBRAS — Estão a iniciar as obras da lavandaria e da rouparia, pois ficam distantes umas das outras. Com as novas instalações, o trabalho dos nossos rapazes será mais fácil.

GANSOS — Há bastante tempo que não faziam criação. Agora uma gansa teve nove, mas um deles morreu. Daqui por uns tempos teremos um bom arroz de ganso.

FUTEBOL — Em 12 de Abril defrontámos um grupo de jovens que já tinha estado connosco.

Realizámos novo encontro de futebol e vencemos. Uma vitória vantajada!

Luís Miguel Fontes

Pelas CASAS DO GAIATO

Ó POESIA!

*O íntimo dos meus desejos
Possue o sabor vermelho
Da tua fantasia exuberante
Do teu puro sangue!*

*Quando eu nasci
O mundo já era incerto.
Teorias poéticas reflecti.
Alegrias nostálgicas bebi.
Andei por caminhos distantes...
Hoje estou só e perplexo.*

*Com o meu pensamento
Beijando as árvores.
Com as minhas lágrimas
Por sofridos ideais.
Com o meu silêncio
Voando com o vento
Eu vivo para ti,
Ó poesia!*

Manuel Amândio

PAÇO DE SOUSA

PÁSCOA — O Padre Claudino, missionário comboniano, ajudou na preparação espiritual da comunidade. Foi um Tríduo Pascal vivido com elevação, em todas as cerimónias. No Domingo, ao fim da tarde, o *Compasso*.

ESCUTEIROS — Um grupo de Leça do Balio veio acampar na mata da nossa Aldeia. No sábado, à noite, acenderam uma fogueira num largo das nossas casas; e, com a participação da malta, cantaram, realizaram jogos e algumas peças de teatro. No domingo de Ramos (ao ofertório da Eucaristia) deixaram amêndoas para a malta. E, à tarde, voltaram a estar connosco. Disputaram jogos que animaram os mais novos.

Esperamos que tornem no próximo ano.

A sua presença foi muito útil e agradável. Gostámos de conviver com este grupo tão simpático.

Paulo Alexandre («Rambo»)

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — Vimos à vossa presença para dar a conhecer o quanto é difícil viver o dia-a-dia para muitos dos nossos irmãos mais desfavorecidos.

Com a miséria que grassa em todo o mundo e pelos insuficientes esforços levados a cabo para a combater não podemos ficar

alheios com o que decorre, mesmo à frente dos nossos olhos: irmãos que sofrem graves privações, vivendo da esmola de quem passa; em condições desumanas desprovidos de alimento e de condições de higiene, sentindo-se tristes e desamparados.

É com o intuito de minimizar este sofrimento, sempre com a vossa imprescindível e valiosa ajuda, que providenciamos abrigo para se protegerem das intempéries, roupa para cobrirem os corpos, concedendo-lhes ao mesmo tempo atenção e carinho.

É gratificante quando determinado irmão vive numa situação desumana e humilhante, apercebendo-se a partir daí que não foi abandonado, alguém se preocupa com ele; e começa a ter alegria de viver.

Algumas tarefas são consumadas de forma satisfatória, mas ainda há muito a fazer! A obtenção de resul-

tados positivos dá forças para continuarmos, cada vez mais em frente, pois existe sempre alguém a reclamar a nossa ajuda.

Nas festas Pascais rezámos e concedemos algo de nós em benefício dos irmãos mais necessitados, para que todos pudessem usufruir das amêndoas da vida.

Campanha tenha o seu Pobre — Donativo de 500\$00; Maria Bernardete, um vale de 10.000\$00; de uma anónima doente, 5.000\$00. Que tudo corra bem no seu internamento. António Fonseca, cheque de 5.000\$00; José, para as três senhoras de idade já avançada, 10.000\$00; J. R. D., para os nossos irmãos terem uma melhor Páscoa, 10.000\$00; Anónimo, de Gondomar, 10.000\$00. Uma Páscoa muito feliz e que Deus esteja sempre convosco.

Casal vicentino

MIRANDA DO CORVO

TRABALHOS — Muitos leitores devem admirar-se por todas as quinzenas figurar a palavra agricultura nas colunas de nossa Casa. É a actividade à qual damos mais relevo, talvez devido a situar-se numa quinta e a necessidade de mantê-la. Outra razão: serve de ocupação para os rapazes e é um meio de auto-subsistência, não na íntegra mas em grande parte.

Por vezes advertem-me que só se escreve sobre agricultura, mas esquecem-se que o desporto há algum tempo que é inexistente em nossa Casa, assim como outras actividades de ocupação de tempos livres que já estiveram no activo e são importantes e agora estão desactivadas. De quem é a culpa?

Assim, durante as férias da Páscoa, aproveitámos para continuar a semear batatas. Plantámos também cebolo, pimenteiros, tomateiros e semeámos feijão. Aproveitámos ainda para sachar o batatal no «Olival dos Poços». Aliada à agricultura, está a pecuária. Nas pocilgas nasceram mais leitões.

ESTUDANTES — É tempo de balanço para os estudantes portugueses. Terminou mais um período, o segundo, o mais importante e talvez o mais decisivo, apesar de existir um terceiro. Quem aproveitou até ao momento, pouco fará nos dois meses que restam. É o que eu penso, mas existem excepções; raras!

António Maria

Moçambique

A nossa
Páscoa

A nossa primeira Páscoa em Moçambique! A primeira de vinte e cinco rapazes que temos e de muitas pessoas

que participaram. Procurámos viver em Igreja o mistério do sofrimento do Homem Deus, misturá-lo o mais possível à realidade presente em cada um. Nada de subjectivo. Tudo bem concreto.

No sábado, à noite, fizemos a Vigília Pascal; dobrou o número de pessoas. Bem mais de cem. Três horas a rezar. Uma verdadeira Vigília, numa terra onde Cristo não tinha passado ainda, mas se tornou presente iluminando a noite e a vida.

No domingo, quando preparávamos o almoço para ir à fazenda, tínhamos já connosco a família do Paulo, que nos acompanhou o dia todo. Chamaram a atenção para um carro que chegou. Era o Manuel Pedreiro e esposa. Que emoção! Há mais de dezasseis anos que não nos víamos. O Manuel Dias é dos primeiros gaiatos de Paço de Sousa; dos primeiros que daí foram para o Tojal, ele como pedreiro já, para restaurar o velho palácio. Foi dos



À mesa da refeição é preciso ter o que comer. Como, não interessa, pode ser à mão.



Tribuna de Coimbra

Passos do Senhor

• Nesta Semana Santa senti muito vivos alguns passos do Senhor — sofredor e ressuscitado. O mesmo Senhor em agonia e depois já glorioso.

No primeiro passo, encontrei nos hospitais o Padre João Batista. Veio de Moçambique com uma perna fraturada, ainda com grande ferida e uma bala alojada na outra perna. Os tiros tiraram-lhe a sensibilidade auditiva. Está com esperança de ser curado.

Contou o ataque que fizeram à carrinha em que seguia com alguns companheiros.

Como foram maltratados, falecendo quatro deles. Um tinha dezanove anos e estava a preparar-se para ser batizado nesta Páscoa. Padre João quando o viu a morrer, arrastou-se e ainda o batizou. «Era muito bom aquele rapaz. Era um santo do nosso tempo. Ele no Céu reza por nós.»

Dei um abraço a Padre João, desejei-lhe Santa Páscoa e deixei-o na sua posição incómoda, com um sorriso de dor e de saudades. Jesus Cristo a sofrer com o sofrimento dos homens.

• O segundo passo foi na Igreja, no jardim e no cemitério de Mira. O povo e

os amigos daquela vila quiseram prestar homenagem de gratidão a um dos seus filhos que procurou servir o mesmo povo.

O primeiro encontro foi na Igreja, cheia de homens.

Eucaristia participada. Todos demos graças ao Senhor por aquele filho que procurou ser Seu servidor.

No jardim, as palavras foram sinceras. Ditas por corações que as sentiam. Todos estivemos unidos.

No cemitério o Pai Nosso foi rezado em coro. Todos rezaram. Todos se sentiram irmãos uns dos outros. Jazigos ou campas rasas podem não dizer nada das acções de

cada um. Acreditamos que Mário Maduro se encontra na Glória dos ressuscitados.

• O terceiro passo foi o funeral do professor João Ramos que, há muitos anos, se encontrou com Jesus Cristo e procurou identificar-se com Ele. Nunca mais se separaram um do outro. Dois amigos muito unidos.

A longa doença não lhe diminuiu a vida intimamente ligada ao Senhor. Sempre pronto para O testemunhar.

O funeral foi um cortejo triunfal. A Eucaristia, muito festiva, um grande cântico de louvor a Deus.

As palavras de despedida da esposa foram a consagração do marido, do pai, do irmão de todos. O cântico junto à sepultura foi de aclamação a Jesus Ressuscitado e a todos os que hão-de ressuscitar. O Credo que ali rezámos, o testemunho da nossa fé. Nós acreditamos que João Ramos está glorioso na Casa do Pai para onde procurou caminhar.

Padre Horácio

Encontros

EM LISBOA

Um chefe

Nestes dias em que celebramos a Ressurreição, várias vezes fiquei contemplativo, não percebendo como os milagres acontecem. Há dois ou três anos, seria incapaz de imaginar o quadro. Talvez, nessa altura, me perguntasse: — Que poderemos fazer com este rapaz? A primeira vez que presenciei, comentei para quem estava ao meu lado: — Quem diria! Era o Diamantino. Na ausência dos chefes habituais, assume o comando à hora da refeição. Ajuda os serventes a retirar o que ainda resta sobre as mesas. Bate as palmas e faz-se silêncio. Dá os avisos, um pouco a gaguejar e como que surpreendido e a pedir desculpa por sua voz se fazer ouvir no silêncio geral. Preside à oração final e avisa para se sair com calma. Alegrei-me de o ver assim crescer. Naqueles momentos pareceu-me um gigante.

Começou a sua vida muito tarde. Com 17 anos, trabalha, neste momento, na carpintaria. Já adulto, fez o Ciclo Preparatório, e, este ano, está no 7.º nocturno. Tem muitas dificuldades. Faltaram-lhe as bases. Por aquilo que o tenho visto fazer, acho que daria um ótimo restaurador de móveis ou de talha. Não sei à porta de quem poderei bater para o ajudar neste caminho. Muitas vezes são precisos muitos estudos...

Entretanto, apesar dos tempos de Ressurreição, a morte continua a rodar, querendo ser vencedora. Em muitas zonas da nossa cidade é vencedora. Falar de Chelas, Camarate, Casal Ventoso, Relógio, Pontinha, Musgueira, etc., é sentir, dentro de nós, os locais onde a morte mata. Pode não matar fisicamente, mas mata a dignidade humana, mata o sonho, mata o futuro... Ninguém escapa, nem as crianças, nem os jovens, nem os homens, nem as mulheres. É a falta de habitação, de condições dignas para a pessoa, de políticas de ajudas e empréstimos capazes de dar concretização aos anseios profundos e dignificantes. É a falta de escolas mais personalizadas e de formação profissional adaptada...

«Ilhas» malditas

Quando me apregoam os progressos e olho para estas ilhas penso que algo se está a romper na nossa sociedade.

Refiro-me à quebra de um crescimento e um desenvolvimento solidários, à criação de políticas sociais capazes de fazer justiça pela distribuição equitativa dos progressos adquiridos. É só liberalismo. Força do mais forte que esmaga e destrói, não sendo contrabalançada pelo dar a mão responsabilmente solidário para que os sonhos dos mais fracos também sejam realidade.

Grande número dos casos que chegam, vêm dessas ilhas malditas que continuam a matar. De entre os muitos casos aqui fica um: Menino de nove anos. Morada num dos ditos bairros. Pai morreu de álcool. Mãe viverá algum tempo com uma cirrose. Cinco irmãos mais velhos. Todos com profissão do meio: prostituição, cadeia. Habitação: uma barraca onde tudo se mistura não se distinguindo qual o prato do cão e do gato e o das pessoas. Será possível, aqui, nesta situação, com este quadro, vencer a morte? Posso pegar no miúdo. Seremos ainda capazes de fazer alguma coisa? Se muita gente soubesse quão ardiloso e sedutor é o canto da miséria, talvez não descansasse enquanto não enterrasse todos os antros da indignidade humana. Assim a morte continua a vencer.

Padre Manuel Cristóvão

Festas

TORRES VEDRAS — 3 de Maio, domingo, 15,30 h, Salão dos Bonzeiros Voluntários.

LISBOA — 10 de Maio, domingo, 15,30 h, Salão da Igreja do Sagrado Coração de Jesus — Rua Camilo Castelo Branco, junto ao Marquês.

LOURES — 16 de Maio, sábado, 15,30 h, Cine-Teatro de Loures.

MOSCAVIDE — 23 de Maio, sábado, 21,15 h, Salão Paroquial de Moscavide.

BENEDITA — 31 de Maio, domingo, Salão Paroquial da Benedita.

UMA CARTA

«Quase tenho vergonha de tapar o meu débito a O GAIATO. Sou incorrigível de preguiça. Por isso, junto ao pequeno cheque, o pedido de uma oração ao Pai do Céu por intermédio da Virgem Maria, no sentido de me ajudar a valorizar a vida que me restar, sendo menos preguiçosa em tudo, incluindo a partilha dessa mesma vida e de todos os bens que Ele me for dando.

Assinante 27598»

primeiros que Pai Américo mandou para Moçambique. Vive há mais de trinta anos na África do Sul, como empresário da construção civil. Muito considerado na comunidade portuguesa, prestigiado por alguns com o nome de «Padre Américo». Américo foi o primeiro filho que lhe morreu com leucemia. Américo é este que trouxe consigo; tem 24 anos e é um atleta.

O Manuel honra-se da Casa do Gaiato que lhe deu o ser e honra-nos com suas atitudes. É generoso, não só com mimos que ele não teve na Casa do Gaiato, mas sobretudo com ajuda material. Deixou uma mão cheia de dólares e a promessa de muito apoio para as obras.

Nesta segunda-feira de Páscoa, fizemos a marcação de mais uma sala, no Centro de Apoio de Massaca, e iniciámos as obras de recuperação na fazenda. Apenas uma parte pequena que vai servir de escola. É iniciativa da UNICEF apoiar-nos em materiais. O resto é da nossa conta.

Logo de manhã, mãos levantadas a pedir pão, foram muitas dezenas. Poucas terão forças para o trabalho neste primeiro mês. Depois vão melhorar. E com eles a Massaca. Os projectos integrados avançam. O terreno para o hospital já foi limpo. As obras devem começar. Tem morrido muita gente aqui. Supõe-se que de cólera, mas certamente que a pior causa é a fome e aquilo que usam para a enganar, desde a água até às ervas, que nesta secura imensa ainda resistem.

Padre José Maria

Malanje

Canal entre o que dá e o que recebe

Removendo dentro de mim aquele sorriso complacente, reconheci que o caminho das grandes organizações (mesmo cristãs) não é o nosso caminho.

Faltam raízes e folhagem; o dar e o receber; o canal entre o que dá e o que recebe. Sobretudo, não nasce uma relação com o Pobre. Fica longe o amor.

Os grandes aviões carregados de coisas despejam nos aeroportos... Carros potentes levam e largam embrulhos... Tudo frio!

Somente os carreiros estreitos e tortuosos conduzem ao Pobre e ao faminto.

Não é a «força dos cavalos!» Só uma força: a que nos vem dos Pobres de coração em comunhão estreita, através da Obra, com os Pobres de bens.

Carta dum Amigo de Malanje

Soube-nos bem esta carta dum amigo de Malanje. Aí vai: «Com júbilo acuso a recepção de diversos exemplares do jornal O GAIATO que foram lidos com bastante interesse. Na qualidade de pai e de cidadão angolano que vi nascer dessa mata essa Obra sem par, e que, devido à guerra que dilacerou o País, assisti, com beneplácito de alguns, à sua selvática destruição, não deixo de manifestar o meu profundo reconhecimento e apreço pelo vosso regresso. Alegro-me em saber que a chama que acendestes nas matas do

Kulamuxito, há mais de um quarto de século, está de novo acesa para, uma vez mais, estenderdes a vossa mão benfazeja àqueles que, não tendo culpa dessa guerra estúpida que deixou o País em escombros e cujas calamidades continuarão visíveis durante dezenas de anos, não possuem eira nem beira — um autêntico exército de adolescentes deambulando nas ruas e mercados.

Bem hajam todos que, com amor desinteressado, regressaram. Bem haja D. Guiomar do Lombe, agora mãe dessa família, a família do Pai Américo.

Como cristão, pai e professor, coloco-me à vossa inteira disposição para qualquer humilde contribuição que de mim desejardes.

É grande a messe que vos espera.»

Versos

E que dizer destes lindos versos dum amigo, de Viana do Castelo, «aos Gaiatenses de Malanje»?

Continuem trabalhando em paz, Com azáfama e com amor; Vinhateiros que vós sois, Nessa vinha do Senhor!

O Quim agarrado às portas, Num trabalho incessante, Nem ouve o cantar dos pássaros, Em melodia constante.

Bem lá no cimo dos postes, O Júlio electricista, Com ajuda do Tio Joaquim, Toma ares de trapezista.

Quem vai pintando as janelas, É a Dona Guiomar; Mas que lindas, mas que belas, Que bonitas vão ficar!

Com o chefe Joãozinho No comando, Com a batata doce nascendo, A vossa messe vai crescendo!

Os vigilantes da noite, São o «Fisga» e o Manuel; Que podem dar um açoite, Àquele que for infiel!

Paulo Jorge, mestre das máquinas, Já tem muito em que pensar; Muita coisa pode parar!

Para todos o meu abraço, Ao Padre Telmo um «abraço»; Deste vosso amigalhaço, Que por Deus é vosso Irmão!

Desta Viana que tanto amo, A quem Deus deu tanta beleza, Que em vossos corações, Só haja amor e justiça!

Neste poema que vos faço, Eu vou pedindo ao Senhor, Que nessa Malanje distante, Haja Pão, haja Paz, haja Amor.»

Padre Telmo

EDITORIAL

Continuação da página 1

Neste quadro, em que a Esperança é o matiz que torna luminosas as cores tendencialmente baças da nossa fragilidade, os nossos Padres quiseram confiar-me de novo a missão da primeira responsabilidade. Depois de Deus é neles que me apoio e em todos os nossos Colaboradores, Senhoras e Rapazes, antigos e os que hão-de vir, em quem sobre lufada divina de generosidade. E em Pai Américo, a quem recusamos, mesmo lá no Céu, o direito à reforma.

Padre Carlos

DOCTRINA



...em lugar de vida,
é ópio das almas.

- O mundo não pensa bem no que diz quando, às vezes, me despede com maneiras de quem não deseja ser importunado; e devia, principalmente o mundo de Coimbra, considerar mais e melhor as razões e as palavras do meu pedir antes de me mandar embora.
- Se eu pudesse conduzir-te pela minha mão à evidência das coisas, nos próprios locais de delitos; se tu observasses mais eu o doente pneumónico coberto e vestido de jornais com medo do frio — tudo quanto se aproveita dos discursos publicados naqueles mesmos jornais; se entrasses mais eu na toca da família onde o comer de hoje é a sopa de ontem, fria e azeda; se ouvisses ao pé de mim o clamor da mãe instalada com os seus em curral de animais, «que a nossa barraca alagou-se»; se visitasses comigo a ceguinha no Bairro das Latas, filhos a pedir nas ruas, marido com tenda ambulante e ela a cuidar da casa, sem olhos, sem luz, sem conforto, sem pão; se ao menos me acreditasses — não serias tão cruel, despedindo-me. Ai, quem fora génio que pudesse, no momento de pedir, revelar tudo isto aos a quem peço, vencendo!
- Além e acima deste panorama assustador em que meus olhos diariamente se dilatam, outras regiões e outros climas aparecem, de exploração infinitamente mais dolorosa porque mais difícil, arriscada e doentia: são os casos de miséria moral, onde a gente a cada hora tropeça. Aqueles mesmíssimos males de que muitos grandes enfrentam, tomando por si por qualidade o que no Pobre reputam defeito. E não é assim; quem se sentir sem culpas arremesse calhaus aos Pobres!
- Sim, por amor de tantas amarguras alheias que eu faço próprias, tu devias escutar melhor como quem onve um recado que merece ponderação e nunca despedir-me, enfadado. Mais enfadado ando eu.
- Devias, outrossim, considerar que as fortunas pessoais têm no mundo sua função e responsabilidade sociais e que as cartas e os diplomas com que muita gente se instala na vida têm igualmente sua função de bem servir, sem o pronome pessoal reflexo. Oh, sim, este verbo *dever* tem força moral e obriga-te em consciência. Se não acreditas nem esperas no «dá-me contas» da hora derradeira, hás-de ver e sentir após ela, com espanto, quão insensata e quão inútil foi a tua vida. Se o avarento da parábola pudesse ter vindo ao mundo avisar os seus irmãos, havia de saber ensinar o que não soube cumprir! Devias, sim, olhar-me e ouvir-me antes de me mandar embora.
- Por amor dos Pobres e para mais rendosamente os servirmos, dobra a gente os joelhos na poeira dos caminhos, suportando, com fortaleza, insultos, ameaças, injúrias, opiniões, nomes — fruto e recompensa na terra de quem serve por amor de Deus. Porém, à porta de certos senhores grandes passamos de frente levantada. São senhores importantes e supremos, fabricantes de miséria e de penúria, amaldiçoados do Evangelho. Vida sem préstimo, cova sem glória.
- Tu não; nem estes meus dolorosos tus são da tua conta. Tu estás sempre do meu partido, segues as minhas passadas, engraças com a minha vida, conheces o meu Senhor. Ainda há bem poucos dias um envelope madrugador e silencioso, com uma pancadaria de notas de quinhentos, veio trazer a prova, tantas vezes colhida, de que o verbo dar não sai dos haveres mas sim dos corações. São árvores frondosas, raízes escondidas no seio da terra, frutos abundantes, oportunos; e, quando caem no chão, arrastam na queda lágrimas, saudades, corações. Fazem falta. Vida sacrificada, sepultura gloriosa.

D. Amén!

(Do livro *Pão dos Pobres* — 2º vol.)

Continuação
da
página 1

O espectáculo surpreendeu-me, apesar de corriqueiro na nossa organização de rapazes. Uns tendiam as pequenas parcelas de massa e punham-nas redondas numa grande mesa, em cima de toalha alvíssima. Outros esticavam as correias de massa, todas iguais em comprimento e grossura. Alguns colocavam os ovos, outros dispunham as torcidas da referida massa, em cruz, sobre os ovos, enquanto ainda outros pintavam com gema de ovo e mais não sei o quê cada uma das delícias pascais.

A ordem, o interesse, a alegria na cara dos doze, trouxeram-me ao coração, naquela linda manhã de sábado a presença mística, mas viva e real do Ressuscitado e senti-me banhado por Ela.

Depois foram as amêndoas que apareceram todas envolvidas em carinho sobrenatural; mais aquele casal que vem, todas as Páscoas, trazer os bolos e as tortas. Chegaram, pedindo desculpa da hora tardia, passava das 23 de sábado, ainda sem jantar e esfalfados do trabalho, com manifestações de sério amor pelos gaiatos.

Jubiloso sacrifício

Foi ainda o jubiloso sacrifício do vizinho, de há dois anos, que veio solicitar para nos fazer o almoço de Páscoa.

Ecos d'África

Continuação da página 1

O desejo de felicidade está em todos. A cada um a tarefa de ir descobrindo, dia a dia, o caminho de o realizar. «Tenho acompanhado com emoção o renascer da Obra da Rua em África. Que a protecção de Deus não falte (e eu creio que nunca falta quando a obra é boa e as políticas não entram)».

Cartas

E se cada um fizesse tudo o que está ao seu alcance? Viver nesta tensão pode incomodar, mas é a única forma de se estar com vida e irradiar vida. «Sabendo pelo vosso jornal O GAIATO, e meu também, porque sou assinante, dos vossos investimentos em África, venho contribuir para que essas crianças tenham mais leite e mais pão.»

Escolheu os melhores cordeiros do rebanho, comprou as batatas fritas e o arroz, trouxe o vinho e com a experiência de grande cozinheiro — ele é grande em tudo!... — deleitou os cento e cinquenta rapazes e a nós, com uma magnífica refeição.

Desta vez, não se retirou, como há dois anos; mas, depois de servir, sentou-se connosco à mesa, na companhia de sua veneranda mãe, filho já adulto, mais um trabalhador que recuperou da marginalidade e continua a amparar. A esposa e a filha tinham ido consolar outros.

Enquanto comia, os seus olhos enchiam-se de lágrimas e, por duas vezes, se ausentou da grande sala, momentaneamente, para chorar cá fora, sem que os rapazes dessem conta.

Eu tocava-O. Era Ele na grande alegria de Páscoa! Era Ele que me confortava em aleluias de emoção.

Não via o sudário, nem as mãos nem os pés, mas sentia-O bem pertinho a consolar-me extraordinariamente de tantas agruras que a vida me tem trazido!...

Mas há mais, muito mais!, que eu não posso descrever!...

Aquela viúva reformada, que há longos anos acompanha a Obra da Rua partilhando os seus bens, veio reforçar o oferecimento de ser madrinha de dois gaiatos que compraram casa com a nossa ajuda. Fazendo, em

segredo, as contas, com os dados oferecidos pelo Jornal, ela quer ajudar um com 15 contos por mês, para aliviar o peso dos juros, e outro com 10 contos, também mensalmente. É uma iniciativa pascal. As madrinhas lembram-se dos afilhados, pela Páscoa, na aldeia da minha criação!...

Precisava de mais madrinhas como esta. É que os ordenados são muito baixos e os rapazes vêm-se aflitos com os encargos.

Ele há tanta gente na sua viuvez a pensar somente nos netos e na família sem se recordar que é muito grande a família dos Pobres!...

FESTAS

As nossas Festas estão a ficar prontas de ensaios.

Tem sido uma lufa-lufa de rebenatar!

Deixámos esmorecer os rapazes e criou-se, em Casa, um certo ambiente de comodidade de que este ano não se faria Festa.

O Octávio entusiasmou-se com os trabalhos e arranjos da quinta e tem de se preocupar com a construção da própria casa. Ocupado, como sempre, com imensas tarefas, até deixei cair a ideia do pensamento dos rapazes.

Acordámos tarde e assim as coisas complicaram-se mais.

Temos de fazer Festa, custe o que custar — disse numa reunião, aos mais velhos. Precisamos do dinheiro que elas nos trazem e os Amigos necessitam de nos ver e ouvir.

Nem que repitamos o espectáculo do ano passado. Só que, mesmo assim, dado um período de desânimo e fugas de alguns artistas, pôr outra vez em pé a Festa do ano transacto levava quase o mesmo esforço que um espectáculo novo.

Foi o que aconteceu. E, com tal êxito, segundo me segredam os rapazes, a festa deste ano ultrapassa todas as passadas. O Padre Américo estará em grande plano na boca e no coração dos seus e nossos rapazes.

com uma peça intitulada a formação do carácter, já que o ano passado eles versaram a formação religiosa e, há dois anos, o trabalho.

Os «Batatinhas» exibiram-se em maravilhas de extasiar e os mais velhos dissiparão todas as tristezas fazendo rir o público a bandeiras despregadas.

Será uma Festa-mensagem! Uma Festa pascal!...

Espero que os leitores d'O GAIATO sejam os grandes propagandistas, sobretudo os que já saborearam um espectáculo dos nossos e nos encham as salas com amigos e conhecidos.

PALMELA — 1 de Maio, sexta-feira, Cine-Teatro S. João, 21,30 h.

ANUNCIADA (SETÚBAL) — 2 de Maio, sábado, Auditório Paroquial da Anunciada, 21,30 h.

ALMADA — 8 de Maio, sexta-feira, Sociedade Incrível Almadense — Almada, 21,30 h.

QUINTA DO ANJO — 9 de Maio, sábado, Sociedade da Quinta do Anjo, 21,30 h.

AZEITÃO — 15 de Maio, sexta-feira, Sociedade Perpétua Azeitonense-Azeitão, 21,30 h.

CABANAS — 16 de Maio, sábado, Sociedade das Cabanas, 21,30 h.

SETÚBAL — 22 de Maio, sexta-feira, Fórum Luísa Todi, 21,30 h.

COVA DA PIEDADE — 23 de Maio, sábado, Centro Paroquial da Cova da Piedade, 21,30 h.

CASCAIS — 20 de Junho, sábado, Teatro Gil Vicente, 21,30 h.

Padre Acílio

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 400398 — Depósito Legal 1239

Padre Manuel António

Tiragem média por edição no mês de Abril: 74.425 exemplares.